

# *Grupos de pesquisa: espaços para a internacionalização da Educação Superior*

*Research Groups: spaces for the internationalization of higher education*

Egeslaine de Nez<sup>1</sup>

Esthefany Alves de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo identificar e delinear o perfil dos grupos de pesquisa em relação à origem, identidade e configuração das áreas do conhecimento na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Metodologicamente, constituiu-se em um estudo de caso, que parte de uma pesquisa bibliográfica com análise documental. O procedimento na análise dos dados foi a abordagem quali/quantitativa. A relevância científica desta reflexão é proporcionar novas práticas para a consolidação dos grupos e a criação de formas para ampliar as produções científicas, especialmente na proposição dos grupos de pesquisa como espaços de internacionalização da educação superior. Finalmente, o benefício que esta investigação traz à comunidade acadêmica é se transformar no fio condutor de discussões futuras acerca da temática dos grupos e de seus desdobramentos para as redes de pesquisa com vistas à cooperação e/ou colaboração nacional e internacional.

**Palavras-chave:** Internacionalização da educação superior. Grupos de pesquisa. Redes de pesquisa. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT);

**Abstract:** This study aims to identify and outline the profile of research groups in relation to the origin, identity and configuration of areas of knowledge at the Federal University of Mato Grosso (UFMT). Methodologically, it consisted of a case study, based on bibliographic research with documentary analysis. The procedure for data analysis included the quali/quantitative approach. The scientific relevance of this reflection is to provide new practices for the consolidation of groups and the creation of ways to expand scientific production, especially in the proposal of research groups as spaces for the internationalization of higher education. Finally, the benefit that this investigation brings to the academic community is to become the guiding principle for future discussions on the themes of the groups and their consequences for research networks with a view to national and international cooperation and/or collaboration.

**Keywords:** Internationalization of higher education. Research groups. Research networks. Federal University of Mato Grosso (UFMT).

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós Doutora pela PUCRS. Professora da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: E-mail: e.denez@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Discente do Curso de Química (Licenciatura plena) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia - Pontal do Araguaia/MT. Membro do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/Unemat/UFMT). Bolsista da UFMT. E-mail: lesther@gmail.com

## Introdução

A ideia de pesquisa na universidade não é recente e diferentes autores nacionais e internacionais, ao longo dos anos, enfatizam o ensino e a pesquisa como suas funções essenciais complementares. Ressalta-se também que sua responsabilidade social e constitucional é baseada no ensino, na pesquisa e na extensão (BRASIL, 1988). Franco e Morosini (2001) esclarecem que a atividade de pesquisa tem como *locus* privilegiado para sua realização a pós-graduação; a produção científica, tecnológica e cultural demanda permanente intercâmbio e trabalho coletivo e interdisciplinar que é garantido na atuação dos grupos e das redes.

Segundo Demo (2008) e Menezes (2000), o professor tem a incumbência de incentivar o aluno para que se constitua um pesquisador, pois, sem investigação, o ensino se reduz à reprodução. Mosquera (2006) explica que “na universidade, a produção do conhecimento pode ser entendida como a mais importante tarefa e objetivo” (p. 85). Realizam-se, para isso, atividades de pesquisas individuais, mas os grupos e as redes têm a capacidade de alavancar possibilidades, além de gerar alcance maior na publicização dos resultados.

Cantor *et al* (2015) apontam que: “Los ejes primordiales de una universidad, como institución social, son la docencia, la extensión y la investigación, los cuales pretenden dar respuesta a las demandas de formación científica, tecnológica y humanística de las nuevas generaciones”; para isso partem de um compromisso: “construir soluciones a las necesidades de la población, y a la exigencia de aportar al desarrollo del conocimiento científico; estos tres ejes son complementarios e interdependientes, por lo que se deben desarrollar simultáneamente, para fortalecer los aportes de la universidad a la sociedad” (p. 394).

Esse estudo objetivou identificar e delinear o perfil dos grupos e redes de pesquisa em relação à origem, identidade e configuração das áreas do conhecimento na UFMT. Está vinculado aos trabalhos realizados pelo Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/Unemat/UFMT) e ao projeto de pesquisa intitulado “Levantamento tipo survey dos grupos e redes de pesquisa no contexto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT): quem são e como se organizam”, no *Campus* Universitário do Araguaia (CUA).

A problemática desta investigação se instaura na complexidade que envolve uma universidade pública regional, que é o caso da UFMT, no que tange à diversidade qualificação do quadro docente, além das inserções nos espaços de pesquisa nacional e internacional. Assim, para compreender a realidade na qual essa discussão está inserida, refletiu-se sobre o sentido da produção do conhecimento, em um país situado na América Latina, que possui limitações do ponto de vista econômico, político e social. Essa conjuntura é sobrepujada pelos percalços advindos da internacionalização do conhecimento (MOROSINI, 2016 e 2019) e da distribuição geopolítica mundial das pesquisas científicas.

Metodologicamente, o artigo em questão constituiu-se em um estudo de caso (YIN, 2010) que partiu de uma pesquisa bibliográfica e documental, propondo um levantamento que se caracterizou num estado de conhecimento (MOROSINI e FERNANDES, 2014; MOROSINI e NASCIMENTO, 2017). A partir da exposição desses pressupostos, busca-se que a reflexão teórica sobre a realidade não seja uma diletante, mas uma transformação. É nesta perspectiva que os grupos de pesquisa precisam ser compreendidos na UFMT: como espaços para a internacionalização da educação superior numa universidade pública na região centro oeste do país.

Os procedimentos na análise dos dados foram: a abordagem quantitativa que serve para demonstração dos grupos, áreas do conhecimento, entre outros elementos, assim como a abordagem qualitativa, isto porque muitas informações precisam ser interpretadas de forma ampla do que apenas circunscrita ao dado objetivo (GAMBOA, 1995; ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999).

A relevância científica desta investigação e de seus desdobramentos posteriores é a possibilidade de novas práticas para a consolidação dos grupos, assim como a necessidade de se criar formas de ampliar as produções científicas desta instituição regional, projetando-a nacional e internacionalmente, por meio dos processos colaborativos e das redes de pesquisa.

O texto encontra-se dividido em três partes, além da introdução: na primeira discute-se o conceito/definição de grupo de pesquisa, apresentando o estado de conhecimento realizado; na segunda parte, o foco é a UFMT, objeto das análises pretendidas neste estudo de caso. E, por fim, na terceira parte relatam-se as conclusões.

## *Grupos de pesquisa no Brasil: conceituação e estado de conhecimento*

A pesquisa é a gênese de todo o conhecimento científico. A função primordial dos professores, juntamente com seus acadêmicos, é produzi-lo e não apenas reproduzir. Para tal finalidade, é imprescindível uma base teórica consolidada, onde a leitura se faz presente ao longo de todo o período formativo do pesquisador. O espaço dos grupos de pesquisa é um dos lugares que propicia e auxilia esse processo, além da sala de aula universitária.

Um grupo é conceituado como um conjunto de indivíduos, pesquisadores e acadêmicos cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (DGPB), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No Brasil, o DGPB é o inventário dos grupos que estão na ativa. Esse projeto do diretório foi desenvolvido pelo CNPq juntamente com o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e constitui-se numa base de dados que contém informações atualizadas sobre os grupos existentes no país. Os dados informam os recursos humanos, as linhas de pesquisa, a produção científica e tecnológica, além das parcerias estabelecidas. Esses subsídios que identificam tanto os limites quanto os desafios e o perfil da atividade científico-tecnológica de cada grupo cadastrado têm suas informações atualizadas periodicamente por seus líderes (DIRETÓRIO, 2020). Assim, os grupos: (i) são multidisciplinares, possuem envolvimento profissional e permanente com investigações por meio de um projeto formalizado; (ii) têm como fundamento organizador dessa hierarquia a experiência, com destaque para a liderança no terreno científico ou tecnológico; (iii) sua finalidade precípua é a geração de conhecimentos básicos e aplicados para contribuir com a sociedade; (iv) o trabalho se organiza em torno de linhas de pesquisa que se subordinam ao grupo e compartilham instalações e equipamentos (DIRETÓRIO, 2020).

Menezes (2000) esclarece que a unidade de formação pós-graduada não é um doutor isolado, mas um grupo de pesquisadores que se consolida ao longo dos anos, e que inclui entre seus participantes não só docentes, mas também acadêmicos e colaboradores diversos. Lopes e Lobo (2020, p. 80) comentam que

Analisar as características dos Grupos de Pesquisa pode, entre outros aspectos, apresentar dados referentes à criação e desenvolvimentos destes, como também, revelar colaborações interinstitucionais, a inserção de discentes no meio científico e

carências em recursos – humanos, tecnológicos e financeiros. Os resultados são capazes também, de servir de subsídios na tomada de decisões em políticas e demandas institucionais na criação e continuidade de fomento à pesquisa.

Pode-se, segundo Nez (2014), construir uma nova possibilidade de produção do conhecimento científico, que não é mais determinada apenas pelas limitações materiais locais (uma universidade ou um grupo), desde que haja um alinhamento com diretrizes consideradas estratégicas e articulação com outras instituições e grupos parceiros.

Para aprofundar análises sobre a temática, constituiu-se o estado de conhecimento que é um instrumento adequado para a compreensão dos estudos e pesquisas realizados nesse âmbito. Morosini e Fernandes (2014) caracterizam essa metodologia como uma forma de: “[...] identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (p. 102). Vários estudos utilizam-se desse procedimento para uma análise detalhada, Cantor *et all* (2015) expõe que: “La investigación consistió en una revisión no sistemática de literatura; utilizó como fuentes bases de datos científicas, revistas científicas indexadas, libros electrónicos y páginas de organismos internacionales, gubernamentales y no gubernamentales, y de universidades públicas y privadas” (p. 396).

Nessa direção, na coleta realizada nesse artigo, optou-se pela Plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO), com período temporal de 2010/2020, contemplando artigos publicados em periódicos (revistas científicas), utilizando-se como descritores de busca as palavras (grupos e redes de pesquisa). Levando em consideração a organização das áreas do conhecimento pelo CNPq, o resultado da coleta de dados foi agrupado em áreas, conforme ilustradas no quadro 1:

**Quadro 1** - Temática e quantidade de artigos encontrados no SciELO por área do conhecimento

ÁREA: CIENCIAS EXATAS E DA TERRA		
CATEGORIA	TEMA/ASSUNTO	QUANTIDADE
Grupos de pesquisa	História da Educação Matemática	1
Grupos de pesquisa	Energia	1
Grupos de pesquisa	Colaboração científica	1
<b>TOTAL</b>		<b>3</b>

<b>ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS</b>		
<b>CATEGORIA</b>	<b>TEMA/ASSUNTO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Grupos de pesquisa	Grupos de pesquisa	5
Grupos de pesquisa	Universidade-empresa	2
Grupos/redes de pesquisa	Intercâmbio	1
Grupos de pesquisa	Processos de Aprendizagem	1
Grupos de pesquisa	História da Educação	1
Grupos de pesquisa	Gestão do conhecimento	1
<b>TOTAL</b>		<b>11</b>
<b>ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS</b>		
<b>CATEGORIA</b>	<b>TEMA/ASSUNTO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Grupos de pesquisa	Produção científica/CTI	3
Grupos de pesquisa	Ciências econômicas/administração	3
Grupos de pesquisa	Comunidades virtuais/tecnologias	2
Grupos de pesquisa	Projetos de pesquisa	1
Grupos de pesquisa	Universidade-empresa	1
Grupos de pesquisa	Estratégia de inovação	1
<b>TOTAL</b>		<b>11</b>
<b>ÁREA: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE</b>		
<b>CATEGORIA</b>	<b>TEMA/ASSUNTO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Grupos de pesquisa	Educação em Enfermagem	7
Grupos de pesquisa	Enfermagem	4
Grupos de pesquisa	Produção científica	3
Grupos de pesquisa	Psicologia do esporte e do exercício/lazer	3
Grupos/linhas de pesquisa	Enfermagem e Tecnologia/ferramentas	2
Grupos de pesquisa	CNPq/Enfermagem	2
Grupos de pesquisa	História da Enfermagem	1
Grupos de pesquisa	Redes colaborativas	1
Grupos de pesquisa	Pesquisadores	1
Grupos de pesquisa	Cuidados paliativos	1
Grupos de pesquisa	Psicologia ambiental	1

Grupos de pesquisa	Psiquiatria genética	1
Grupos/linhas de pesquisa	Envelhecimento humano	1
Grupos de pesquisa	Determinantes sociais da saúde	1
Grupos de pesquisa	Enfermagem no Brasil	1
<b>TOTAL</b>		<b>30</b>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2020)

O Brasil é um dos países mais produtivos da América Latina. No entanto, em termos globais é apenas o 23º. no ranking da produção científica mundial; segundo Vilarino *et al* (2017), a principal fonte dessa socialização de conhecimento são os grupos de pesquisa no país. A produção científica e sua socialização, por meio de publicações em periódicos indexados, tiveram um aumento exponencial no país nas últimas duas décadas do Século XX. Chalhub e Guerra (2011) esclarecem que esse crescimento pode ser creditado à ampliação de oferta de bolsas de fomento à pesquisa, incentivo para criação e manutenção de publicações, entre outras situações.

Chalhub e Guerra (2011) comentam ainda que a visibilidade da produção científica foi potencializada com a adesão ao acesso livre de diversas publicações eletrônicas, através da indexação em bases como Web of Knowledge, MedLine e diretórios de publicações científicas (ferramentas que permitem a localização mais eficiente dos documentos). “Apesar de não ter a dimensão de bases como o Institute Scientific Information (ISI), a inclusão do periódico na Scientific Electronic Library Online (SciELO), cujos critérios de seleção são baseados em padrões internacionais, também oferece visibilidade aos títulos ali indexados” (p. 188).

No estado de conhecimento foram encontrados 55 artigos em periódicos relacionados aos descritores elencados. Observou-se que algumas áreas têm predomínio de publicação a respeito da atuação dos grupos e redes de pesquisa (Ciências Biológicas e da Saúde), enquanto outras (Ciências Exatas e da Terra) possuem baixa produção em revistas. Poucos artigos encontrados tratam das redes de pesquisa; o enfoque maior são os grupos. As linhas de pesquisa também aparecem como temática emergente em alguns textos.

Deste modo, simultaneamente, a socialização de pesquisas por meio da publicação em periódicos pode alcançar novas parcerias, além de participações

em eventos científicos da área, programas de aprendizagem virtual e participação dos acadêmicos em pesquisas conduzidas por docentes de outros países, entre inúmeras possibilidades diferentes. “En la actualidad, los semilleros de investigación se han convertido en una herramienta para proyectar desde el pregrado los futuros investigadores que necesita el país” (CANTOR, *et all*, 2015, p. 394).

Schveitzer *et al* (2011) considera que “[...] a participação nos grupos de pesquisa possibilita a indução de novos pesquisadores e constitui num diferencial na formação de docentes, discentes e profissionais da área, pois são espaços que permitem parcerias para o diálogo” (p. 118). Ainda para Franco e Morosini (2001), pensar os grupos de pesquisa como espaços de investigação implica considerar os reflexos das atividades para formação da nova geração de pesquisadores.

Cantor *et all* (2015) ainda comentam que: “Los semilleros de investigación se vienen consolidando como una estrategia extra- curricular para la formación de investigadores desde el pregrado”. Além disso, seus estudos concluem que esse movimento se caracteriza como: “[...] escenarios alternativos de discusión académica e investigativa, fortalecen las habilidades investigativas de docentes y estudiantes, fomentan la interdisciplinariedad, favorecen el relevo generacional y orientan una proyección profesional en los estudiantes” (p. 391).

### *Grupos de estudos na UFMT: estudo de caso*

O Brasil possui uma grande extensão territorial e essa é uma de suas características mais acentuadas. O estado de Mato Grosso também tem essa particularidade; esse foi um dos motivos para a escolha desse estudo, além de ser a instituição de origem dos pesquisadores. Santos e Silveira (2008) comentam que,

O território é revelador de diferenças, às vezes agudas, de condições de vida da população. Da mesma forma, *a pesquisa tem influência do/no território*. Do território quando a partir de suas condições de produção do conhecimento se tem ou não pesquisa realmente científica e de qualidade que gere tradição do ato de pesquisar. No território, porque seus resultados interferem no desenvolvimento da região de forma ampla ou genérica (p. 225 – grifos dos autores).

Nesta parte do artigo, apresenta-se a UFMT e uma breve trajetória histórica, pois essa investigação parte do princípio de que, para compreender o real significado de uma instituição de educação superior (IES), de sua criação ou de sua organização, não é suficiente ater-se apenas à legislação e às exposições dos motivos de sua existência. É fundamental fazer uma análise do território em que se situa para captar os significados, que fazem parte de uma realidade concreta. Santos (2001) considera que o papel do lugar é determinante. “Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo” (p. 56).

Uma universidade não está descolada da trajetória sócio-política do país e só pode ser compreendida no conjunto de suas relações. Nez (2014) sugere que a criação de uma IES é um fato histórico condicionado e em íntima relação com a sociedade civil e política. Mato Grosso está na região centro-oeste brasileira e faz divisa com Amazonas, Pará, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Goiás, além da Bolívia, possuindo 900 mil km<sup>2</sup>. É formado por três biomas<sup>i</sup>: Amazônia (56,66%); Cerrado (37,39%) e Pantanal (5,94%) (MATO GROSSO, 2020).

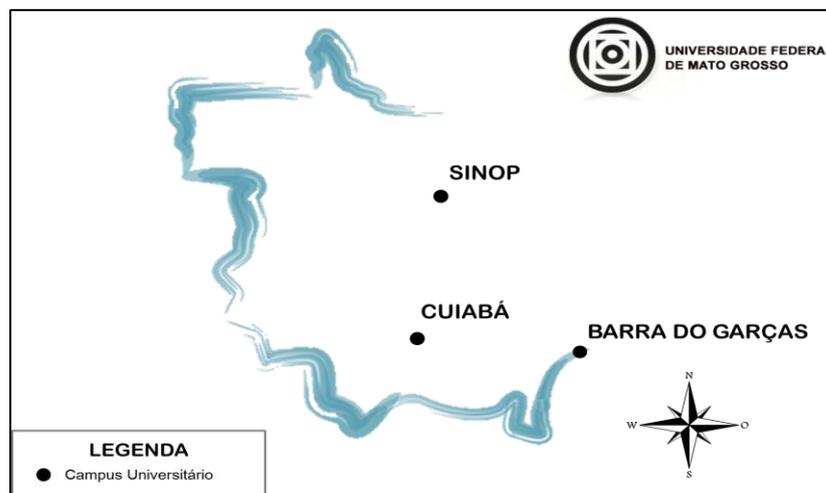
A economia tem como principal atividade a agricultura, embora a pecuária e o extrativismo tenham destaque. O Estado é conhecido como o celeiro do país, por ser o maior produtor de soja, milho, algodão e de rebanho bovino. Sua participação no Produto Interno Bruto Nacional é de 1,8%, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essa diversidade formou a população do Estado que, ao longo do processo histórico, recebeu migrantes vindos de outras regiões do país, pois se destacava no cenário nacional, como um dos maiores produtores de commodities agrícolas e pecuários. Soma-se a isso, uma intensa diversidade cultural e ambiental, principalmente formada por diferentes etnias e raças (MATO GROSSO, 2020).

Em relação à Educação Superior, até o final dos anos 60, Mato Grosso era o único Estado do Brasil que não possuía nenhuma universidade. Veloso (2000) destaca que nesse período houve várias iniciativas de criação de faculdades. Nez (2014) considera que um embrião de uma universidade pública estadual nasceu em Cáceres, a partir da instalação do Projeto Rondon, e tornou-se a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Entretanto, Veloso (2000) esclarece que a primeira instituição pública criada oficialmente foi a UFMT, em 1970 que representou a conquista de uma antiga reivindicação da população. A IES deu início ao processo de interiorização, ainda na fase que Beraldo (2007) chama de “fazejamento”, ou seja, quando os projetos acadêmicos foram sendo construídos concomitantemente com a estrutura física. Com ênfase na regionalização, e levando em consideração a universidade como agente de desenvolvimento cultural, social e econômico, a IES está inserida em Mato Grosso há cinquenta anos, com sede em Cuiabá, de onde se alavancou para as outras regiões, conforme se pode ver mapa com distribuição atual.

**Figura 1** - Mapa da distribuição geográfica dos *campi* da UFMT



**Fonte:** Elaboração Nez e Lima (2020)

Os *campi* estão distribuídos em duas cidades<sup>ii</sup> (Barra do Garças/Pontal do Araguaia –leste e Sinop – norte). É uma das mais abrangentes IES públicas do Estado, com 24 pólos de educação a distância. A IES atende regiões territoriais gigantescas, algumas no interior do Estado, com foco na responsabilidade social com a sociedade e com seu desenvolvimento. Já formou aproximadamente 56 mil profissionais, distribuídos em 106 cursos de graduação e 62 de pós-graduação (UFMT, 2020).

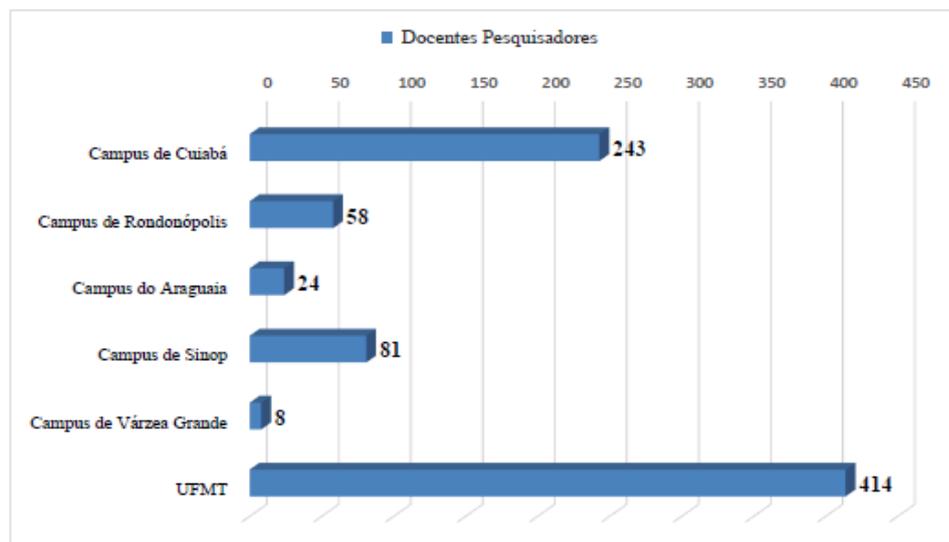
Tomando-se por base o Ranking Universitário Folha (RUF) de 2019 na categoria correspondente à pesquisa, observa-se que a UFMT ocupa o 43º lugar. Em relação ao quadro funcional, por meio da pesquisa documental, foi possível identificar a quantidade de técnicos, além dos projetos de pesquisa atuais:

**Quadro 2** - Quantitativo de acadêmicos, docentes, técnicos e projetos de pesquisa

ACADÊMICOS ATENDIDOS	DOCENTES	TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS	PROJETOS DE PESQUISA
34.000	1.094	1.576	414

Fonte: Anuário estatístico da UFMT (2019).

Na pesquisa documental, identificou-se, por meio do anuário da IES de 2019, que existem 414 projetos, conforme gráfico sobre a distribuição de docentes pesquisadores por *campus*:



**Gráfico 1** - Docentes pesquisadores por *campus* e no total da UFMT

Fonte: Anuário (2019).

Os resultados revelam que a IES se destaca como responsável pela formação de profissionais e pela produção científica por meio dos projetos de pesquisa em Mato Grosso. A pesquisa documental identificou uma base de investigação no Pantanal, além de fazendas experimentais, dois hospitais veterinários e o Hospital Universitário Júlio Müller em Cuiabá com 100% de atendimento ao Sistema Único de Saúde (UFMT, 2020).

Especificamente sobre os grupos de pesquisa, com base no censo e nas séries históricas disponibilizadas pelo DGPB observa-se a seguinte distribuição de grupos no Brasil por região na tabela.

**Tabela 1** - Distribuição dos grupos de pesquisa segundo a região geográfica

REGIÃO	2000		2016	
	GRUPOS	%	GRUPOS	%
Sudeste	6.733	57,3	16.009	42,5
Sul	2.317	19,7	8.637	22,9
Nordeste	1.720	14,6	7.713	20,5
Centro-Oeste	636	5,4	2.899	7,7
Norte	354	3,0	2.382	6,3
<b>TOTAL</b>	<b>11.760</b>	<b>100</b>	<b>37.640</b>	<b>100</b>

Fonte: Adaptado de DGPB (2020)

Conforme os dados sinalizados, a região destaque é a sudeste (42,5%), seguida da região sul com 22,9%, e, em último lugar a região norte, que representa 6,3% do total. O percentual das duas primeiras regiões soma 65,4%; já o centro-oeste e o norte, juntos representam apenas 14% de grupos no Brasil. Outro número expressivo é que, no ano de 2000, eram 11.760 grupos, e em 2016, alcançaram 37.640.

Tomando por base os grupos institucionalizados no DGPB, existem no total 377 grupos de pesquisa na UFMT, sendo que 154 não foram atualizados pelos líderes no último ano. Assim, a amostra que se usa nesse estudo é de 223 grupos que foram categorizados e distribuídos nas áreas do conhecimento que podem ser visualizadas no quadro 3:

**Quadro 3** - Grupos de pesquisa na UFMT por área do conhecimento

ÁREAS DO CONHECIMENTO	QUANTIDADE DE GRUPOS
Ciências Humanas	58
Ciências Agrárias	28
Ciências da Saúde	33
Ciências Exatas e da Terra	28
Ciências Biológicas	22
Ciências Sociais Aplicadas	24
Engenharias	20
Linguística, Letras e Artes	10
<b>TOTAL</b>	<b>223</b>

Fonte: Dados da pesquisa

No Brasil, de um modo geral, há um crescimento desigual no quantitativo de grupos de pesquisa que pode ser observado na tabela 1, os quais desenvolvem diferentes temáticas em nível de excelência, que variam conforme os interesses da população, da região, do governo, da área do conhecimento, do tipo de investigação que se propõe, entre outras justificativas. Na UFMT, isso não é diferente, os dados apresentados no quadro 3 identificam as áreas com o maior número de grupos e os menores índices também. A área das Ciências Humanas é a mais expressiva na IES, seguida das Agrárias.

Uma das condições indispensáveis para o funcionamento dos programas de Pós-graduação no Brasil é a comprovação de grupo de pesquisas consolidadas nacional e internacionalmente se for possível. Nez (2014) esclarece que um programa deve ser concebido e organizado como lugar de produção e socialização do conhecimento, um centro de pesquisa onde se realiza sua construção sistemática e permanente.

Bianchetti e Machado (2012) destacam que a filiação dos docentes da Pós-graduação aos grupos é refletora desse movimento de fortalecimento de algumas áreas do conhecimento. Assim, os grupos passam cada vez mais a fazer sentido, porque como espaços de produção de pesquisa no/do século XX, consolidam o Sistema de Pós-graduação no país.

Por meio dos projetos interinstitucionais e de grupos de pesquisa, os programas de pós-graduação captam recursos, constroem visibilidade e credibilidade nos estudos realizados, atendendo-se, sempre à premissa da excelência acadêmica da universidade. Ressalta-se, também, que os grupos possuem líderes e pesquisadores que desenvolvem atividades na área do conhecimento que é o seu campo científico, trazendo nesse conjunto a *expertise* adquirida ao longo dos anos.

É fundamental pensar a socialização e interlocução dos grupos existentes com outras instituições para fortalecer a articulação de redes. E, consecutivamente, contribuir para a constituição de saberes na formação inicial (acadêmicos) e continuada do professor pesquisador integrado a uma proposta interdisciplinar de conhecimento. Stallivieri (2009) explica que a internacionalização e a mobilidade fortalecem a produção de vínculos transnacionais, formando conexões e redes de produção de conhecimento com base na colaboração. Essas redes oportunizam a interação entre comunidades científicas de diferentes partes mundo.

Nessa direção, a internacionalização da educação superior, meio para uma educação como bem público, envolve o intercâmbio de conhecimentos, a criação de redes de investigação e do desenvolvimento de projetos de pesquisa (NEZ, 2019). Além da mobilidade (docente, discente e de técnicos), o estabelecimento de processos formativos que desenvolvam o respeito à diversidade cultural, privilegie a interculturalidade e a responsabilidade social (MOROSINI; NEZ; WOICOLESCO, 2020).

### *Considerações finais*

Levando-se em consideração o objetivo deste estudo que foi identificar e delinear o perfil dos grupos e redes de pesquisa em relação à origem, identidade e configuração das áreas do conhecimento na UFMT, pode-se concluir que a participação em grupos e redes de pesquisa possibilita gerar um acréscimo na qualidade das investigações realizadas, intensificando a experiência formativa dos pesquisadores seniores e da nova geração em projetos tanto individuais quanto coletivos. A melhoria se dá no fortalecimento da socialização do conhecimento produzido através das pesquisas, assim como na possibilidade de construção de novas parcerias, pois privilegiam a integração das investigações.

Os grupos de pesquisa devem ser compreendidos como espaços de integração numa universidade pública na região centro oeste do país. É fundamental pensar a socialização e interlocução dos grupos existentes com outras instituições para fortalecer a articulação de redes. E, consecutivamente, contribuir para a constituição de saberes na formação inicial (acadêmicos) e continuada do professor pesquisador.

Os dados analisados identificam que a UFMT ainda tem um longo caminho a percorrer para a consolidação dos seus grupos e de suas ações. Os espaços coletivos são impulsionadores da pesquisa no seio das IES. É notório que alguns grupos são uma realidade materializada nas universidades brasileiras, possibilitando a construção do conhecimento institucionalizado e a socialização das atividades realizadas por meio da publicação em periódicos e participação em eventos.

Nesse sentido, foi possível compreender que o conhecimento gerado pelos grupos de pesquisa tem maior alcance quando produzidos coletivamente, pois atingem maior espaço quando socializados. Assim, a internacionalização pode ser alcançada sem, necessariamente, acontecer mobilidade docente ou discente,

que obrigatoriamente precisa de recursos financeiros. Entre os eixos da internacionalização, encontra-se a cooperação compreendida como um instrumento de reciprocidade que pode auxiliar os grupos de pesquisa nesse processo de constituição de redes colaborativas.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J., GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1999.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO 2019. Disponível em: <<https://www1.ufmt.br/ufmt/un/secao/14111/anuarioestatistico>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BERALDO, T. M. L. Formação continuada: reflexões sobre a interiorização da UFMT pela via dos cursos de pedagogia na modalidade parcelada. MONTEIRO, F. M. A. (org.). **Trabalho docente na educação básica: contribuições formativas e investigativas em diferentes contextos**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. **“Reféns da produtividade” sobre produção do conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3503--Int.pdf>> Acesso em: 02 set. 2012.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil 1988**. São Paulo: Saraiva, 2007.

CANTOR, C. *et all*. Semilleros de investigación: desarrollos y desafíos para la formación en pregrado. **Educación y educadores**, v. 18, n. 3, p. 391-407, 2015.

CHALHUB, T.; GUERRA, C. Visibilidade da produção científica de grupos de pesquisa em serviço social do estado do Rio de Janeiro. **TransInformação**, Campinas, v. 23, n. 3: p. 185-194, set./dez., 2011.

CNPq. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

DEMO, P. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008

DIRETÓRIO de grupos de pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br>. Acesso em: 15 fev. 2020.

FRANCO, M. E. D. P.; MOROSINI, M. C. (orgs.) **Redes acadêmicas e produção do conhecimento em educação superior**. Brasília: INEP, 2001.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (orgs.) **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

LIMA, E. G. S.; LEITE, D. Influências da avaliação no conhecimento produzido pelos pesquisadores em redes de pesquisa. LEITE, D.; LIMA, E. G. S. (orgs). **Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LOPES, E. M.; LOBO, D. A. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/47888>. Acesso em: 06 nov. 2020.

MATO GROSSO. Secretaria de estado do meio ambiente (SEMA). Mapa dos biomas mato-grossenses. Disponível em: [http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=170&Itemid=107](http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=170&Itemid=107)>. Acesso em: 25 abr. 2020.

MENEZES, L. C. **Universidade sitiada: a ameaça da liquidação da universidade brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MOROSINI, M. C. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: PUCRS, 2019.

MOROSINI, M. C. Internacionalização da Educação Superior em contextos emergentes: uma análise das perspectivas internacional, nacional e institucional. **Educação superior em contextos emergentes**. FRANCO, M. E. D. P.; ZITKOSKI, J.; KIELING, S. R. (orgs.) Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

MOROSINI, M.; FERNANDES, C. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.

MOROSINI, M. C.; NASCIMENTO, L. M. Internacionalização da educação superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. **Educação em revista**. Belo Horizonte, v. 33, abr. 2017.

MOROSINI, M. C.; NEZ, E.; WOICOLESCO, V. G. A mobilidade acadêmica e as redes colaborativas sul-sul: o caso da UNILA. LUCENA, S.; NASCIMENTO, M. B. C.; BOA SORTE, P. **Espaço de aprendizagem em redes colaborativas e na era da modalidade**. Aracaju: EDUNIT, 2020.

MOSQUERA, J. J. M. Princípios da universidade no século XXI: universidade e produção do conhecimento. In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (orgs.). **Inovação e empreendedorismo na universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NEZ, E. **Em busca da consolidação da pesquisa e da pós-graduação numa universidade estadual: a construção de redes de pesquisa**. Tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

NEZ, E. Fluxos de cooperação acadêmica para a internacionalização. MOROSINI, M. C. (org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

NEZ, E. de; LIMA, E. A. Panorama dos grupos de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT): um olhar especial para a área de química. **Revista Panorâmica**. Ed. Esp. V. 3, 2020. p. 85 – 100.

RANKING Universitário Folha (RUF). Disponível em: <<https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-universidades/principal/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

SCHVEITZER, M. C.; *et al.* Grupos de pesquisa em educação em enfermagem: caracterização de três regiões brasileiras. **Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 20, 2011.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. Tese (Doutorado) 2009. 233 f. Programa de Doutorado em Línguas Modernas da Universidad Del Salvador. Buenos Aires/AR. Universidade de Caxias do Sul. 2009.

UFMT. Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <<https://www.ufmt.br/>> Acesso em: 12 mar. 2020.

VELOSO, T. C. M. A. **A evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso: campus universitário de Cuiabá 1985/2 a 1995/2: um processo de exclusão**. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, 2000.

VILARINO, G. T.; *et al.* Análise dos grupos de pesquisa em psicologia do esporte e do exercício no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 4, 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Almedina, 2004.

---

#### Notas:

<sup>i</sup> Conjunto de ecossistemas constituído por características (fauna e flora) fisionômicas de vegetação semelhantes em determinada região. No Brasil, os biomas conhecidos são: Mata Atlântica, Amazônico, Caatinga, Cerrado, Pantanal e Pampa (MATO GROSSO, 2020).

<sup>ii</sup> Está em construção um terceiro espaço para a UFMT na cidade de Várzea Grande/MT.

Recebido em: janeiro de 2021

Aceito em: abril de 2021